

EDUCAÇÃO, MUSEUS DE CIÊNCIA E MUSEOLOGIA SOCIAL: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Alice Ribeiro
alice.ribeiro.geo@gmail.com
Fiocruz

Ozias de Jesus Soares
ozias.soares@fiocruz.br
Fiocruz

RESUMO

Neste trabalho, fruto de pesquisa em andamento, buscamos pensar em que medida diferentes modelos museais se aproximam ou distanciam-se do aporte teórico trazido pela museologia social. Para tal, contextualizamos diferentes modelos de educação e comunicação em museus de ciência articulando as concepções de McManus (1992), Hein (1995) e Hooper-Greenhill (2000). Outra referência importante será Rocha (2010), pesquisadora que já discutiu uma aproximação entre Hein e Hooper-Greenhill. A análise indicou que a primeira e a segunda geração de museus de ciência se baseiam no modelo de transmissão e behaviorista de comunicação e educação, e se aproximam do conceito de “museu sistemático” de Hein. Já a terceira geração de museus remonta à conceituação de “museu da descoberta” de Hein, se diferenciando das gerações anteriores por passar a focar no público, embora o modelo de transmissão se mantenha. Argumentamos que estes modelos não se alinham à perspectiva da museologia social, pois em todos eles as escolhas narrativas são do curador. Entretanto, ressaltamos que todos estes modelos remontam a momentos históricos anteriores ao advento desta perspectiva museológica (década de 1970). É na década seguinte a este movimento que Hooper-Greenhill irá identificar mobilizações para a renovação dos modelos comunicativos dos museus, em uma perspectiva construtivista. Finalizamos questionando se seria possível aproximar o conceito de Hein de “museu construtivista” ao de “ecomuseu” e argumentando que o mesmo contexto social, de críticas da sociedade aos museus tradicionais, foi o cenário de fundo tanto do advento da museologia social quanto da renovação dos modelos comunicativos dos museus.

Palavras-Chave: Museologia Social; Museus de Ciência; Educação.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1970 emergiu, na França, o conceito de ecomuseu, cunhado por Hugues de Varine e Georges Henri Rivière, dando início ao movimento que ficou conhecido como “museologia social”, que iria influenciar a criação de museus comunitários, no Brasil, a partir da década de 1980 (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013). Mas, considerando que o arcabouço teórico e político da museologia social pode ser estendido além dos ecomuseus, de que forma este movimento se reflete ou não nos museus de ciência contemporâneos? Em que medida as especificidades dos museus e centros de ciências colocam desafios e apresentam potencialidades que se relacionam com os aportes da museologia social?

No presente trabalho, buscamos contextualizar diferentes modelos de educação e comunicação em museus de ciência aproximando concepções de diferentes autores, como McManus (1992), Hein (1995) e Hooper-Greenhill (2000). Outra referência importante será

Rocha (2010), pesquisadora que já discutiu esta aproximação entre Hein e Hooper-Greenhill, mas com objetivos diferentes daquele que aqui se propõe, qual seja, realizar um primeiro esforço reflexivo no sentido de perceber em que medida modelos museais característicos de determinados contextos históricos e sociais se aproximam ou distanciam-se do aporte teórico trazido pela museologia social. A relevância do estudo se justifica pela compreensão de que a museologia social, ao trazer a possibilidade de gestão participativa dos museus e colocar a comunidade em lugar de centralidade, traz elementos importantes para o debate sobre participação nos museus de ciência, sendo pertinente refletir sobre possíveis pontos de contato entre a museologia social e os modelos de educação e comunicação vigentes nos museus de ciência. Sendo assim, nos questionamos: seria possível falar em diálogos e aproximações dos museus de ciências com os pressupostos trazidos pela museologia social?

2. ABORDAGENS EDUCATIVAS E COMUNICATIVAS EM MUSEUS

Segundo Hein (op. cit.), uma teoria educativa articula o que e como deve ser aprendido, ou seja, engloba uma teoria de conhecimento (epistemologia) e uma de aprendizagem. Assim, a maneira como estas teorias são combinadas resultam em diferentes abordagens educativas. A partir desta concepção, ele classifica os museus segundo um paradigma¹ epistemológico-educativo, identificando, então, quatro modelos possíveis, quais sejam, museu sistemático, da descoberta, ordenado e construtivista. Hooper-Greenhill (op. cit.), por sua vez, argumenta que modelos de educação e comunicação são interdependentes. É através da articulação destes campos, então, que ela busca analisar a relação museu-público, identificando dois paradigmas: o primeiro associa uma abordagem comunicativa baseada na transmissão a uma concepção educativa behaviorista, enquanto o segundo entende que a comunicação está no bojo do processo de (re)produção cultural. Assim, Hein e Hooper-Greenhill, juntos, permitem compreender a prática museal em um sentido epistemológico, educativo e comunicativo. Rocha (op. cit., p. 9) reúne essas vertentes acrescentando ainda a dimensão da informação nos museus, entendendo-a “como um *continuum*, que abrange desde a sua dimensão pedagógica na modelagem da mente, até o seu caráter construtivista-hermenêutico”, indo de uma visão dualista do sujeito e objeto, em uma perspectiva positivista, a uma compreensão dialógica da informação.

¹Os paradigmas de uma comunidade científica são, segundo Kuhn (2006, p. 67), conjuntos de “ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação” que modulam, direta ou indiretamente, as pesquisas.

Neste trabalho, acrescentamos à discussão de Rocha (op. cit.) as reflexões de McManus, que identifica “gerações” de museus de ciência. Podemos dizer que cada geração constitui um paradigma hegemônico e outros paradigmas que opõem-se ou dialogam com este núcleo mais hegemônico. Ou seja, dizer que havia uma direção hegemônica, não significa dizer que não houvesse outros movimentos em direções diversas. De forma análoga, paradigmas “antigos”, anteriores, não deixam de estar presentes nas instituições contemporâneas. Como aponta McManus (op. cit., p. 159) “*some present day science museums are third generation, some are mixed hybrids, and some stick firmly in the generation of their establishment*”².

A autora aponta que os gabinetes de curiosidades dos séculos XVII e XVIII deram importantes contribuições para a criação dos primeiros museus de história natural com o advento da modernidade. Tais museus, classificados como de primeira geração, se caracterizam, segundo ela, por uma forte filiação às disciplinas acadêmicas e objetivam fornecer a um público específico informação autorizada. A segunda geração de museus remonta àquelas instituições com uma relação mais direta com a industrialização, nos séculos XVIII e XIX, que tinham um status de fonte legítima/autorizada sobre ciência.

Realizando um exercício de aproximação entre as reflexões de McManus e de Hooper-Greenhill, podemos perceber que nas duas primeiras gerações identificadas por McManus prevalece o primeiro paradigma apontado por Hooper-Greenhill: behaviorista (educação) e baseado na transmissão (comunicação). Segundo este paradigma, entende-se que a mensagem é transmitida a um pseudo-receptor passivo e que o processo educativo é do tipo estímulo-resposta. O processo interpretativo realizado pelo visitante não é considerado, e cria-se uma clara separação/diferenciação entre o museu e o público. Esta abordagem é característica, segundo a autora, de museus modernistas, cujo modelo nasceu na Europa no século XIX e foi exportado para todo o mundo. Segundo a classificação elaborada por Hein, estas características remontam à ideia de “museu sistemático”. Rocha (op. cit., p. 4) aponta que os museus de ciência se tornaram, no início do século XX, o locus da institucionalização da ciência positivista, bem como o lugar de sua “publicidade”, “do estímulo ao exercício da opinião pública”. Através da narrativa museal elaborada e executada por especialistas, almeja-se que uma dada perspectiva de história, cultura e ciência seja aceita.

A terceira geração de museus, por sua vez, marca-se pelo crescente afastamento de uma abordagem baseada no objeto. Neste sentido, o foco é transferido da contemplação de

²Em tradução livre, “alguns museus de ciência atuais são de terceira geração, outros são híbridos, e outros se mantêm na geração do período em que foram criados”.

objetos científicos e da história do desenvolvimento científico para a transmissão de ideias e conceitos científicos contemporâneos, por meio de exposições interativas, sendo a manipulação considerada uma importante estratégia de comunicação. Assim, estamos diante de novos objetos – não mais de contemplação, mas sim de interação física, sensorial. Um dos primeiros museus deste tipo, segundo McManus, é o *Palais de la Decouverte*, em Paris, surgido em 1937, mas a sua consolidação remonta a experiências estadunidenses da década de 1960, sendo o mais emblemático o *Exploratorium*, em São Francisco (MCMANUS, op. cit., p. 163). Em termos da classificação de Hein, podemos dizer que estes museus são de descoberta, caracterizados pelo autor por uma associação entre uma perspectiva de conhecimento positivista e uma de aprendizado baseada na descoberta, segundo a qual

People construct knowledge themselves, they come to realize concepts and ideas as they build them up using personal, mental constructions. Thus, they also can acquire misconceptions. Proponents of Discovery learning believe that in order to learn, students need to have experience; they need to do and see rather than to be told. Rather than organize the subject matter based on its logical structure, from the simple to the more complex, the teacher organises it so that it can be experienced. Pedagogic simplicity takes on a practical aspect rather than an intellectual one. But the purpose of this hands on approach is still for the student to comprehend ideas and concepts that are independent of the learner. Through experience, misconceptions will be replaced by correct conceptions. (HEIN, op. Cit., p. 3)

Rocha (op. cit., p. 21) aponta que buscou-se dinamizar o conteúdo científico através do método interativo e das inovações tecnológicas, mas, “por permanecerem ancorados na ciência, os fins do processo comunicativo dos museus não foram alterados, nem mesmo para o seu alinhamento com a sociedade”.

Ainda segundo Rocha (op. cit.), tanto no museu sistemático quanto no de descoberta predomina o modelo comunicativo da transmissão, no qual o foco é a transferência de ideias sem contextualização social. Ela aponta que, para Hooper-Greenhill, até a década de 1990 este modelo prevaleceu nos museus, principalmente nos Estados Unidos, estando o processo de escolha de objetos e textos centralizado na figura do curador. Entretanto, a partir da segunda metade da década de 1980 já é possível notar o desenvolvimento de novas abordagens comunicativas no Reino Unido. Neste contexto, constantemente os museus reinventam suas práticas em busca de uma maior abertura para o público, o que têm causado polêmicas, pois há quem fale em “disneyficação” dos museus (HOOPER-GREENHILL, op. cit., p. 180). McManus, consonantemente, aponta que é a partir dessa década que começa a surgir o questionamento, no âmbito dos curadores dos museus de segunda geração, sobre o

progresso da ciência e suas implicações, bem como o modo como os museus de ciência abordam essa questão. Nas palavras da autora:

In recent times, the curators in second generation science museums have begun to question the impression of the inevitable progress of science inherent in chronologically ordered displays of technological advances. There is a growing discussion about the need for exhibitions which depict the social implications of technological developments; about the problematic nature of science as a cultural activity and about the manner in which the presentation of information in exhibitions is biased by the academic and social background of the curator. (MCMANUS, op. cit., p. 163)

É a partir da década de 1980, então, que o segundo paradigma apontado por Hooper-Greenhill toma força. Nesta abordagem, a comunicação é tida como um processo cultural no âmbito do qual os sujeitos interpretam a realidade, interpretação esta que é influenciada pelo seu contexto sociocultural. No âmbito de uma visão construtivista de conhecimento e de aprendizagem,

As exposições nos museus passam a ter o objetivo de propiciar um espaço ajustado à compreensão do sujeito para facilitar a sua produção de sentido, no qual a seleção entre textos, imagens, objetos e outros materiais simbólicos está baseada na informação relevante para a resolução de seus problemas. (ROCHA, op. cit., p. 7)

Rocha aponta ainda que, para Hooper-Greenhill, a abordagem construtivista e cultural está presente no trabalho educativo dos museus, mas em termos de espaço museográfico prevalece o behaviorismo e a transmissão. Articulando com os modelos de Hein, isto equivale a dizer que as ações educativas buscam abordar o museu de forma construtivista, mas o espaço físico do museu continua sendo o mesmo do início do século XX. Isto indica que a abordagem cultural/construtivista pode ser utilizada mesmo em museografias que remontam a outros contextos históricos.

3. IMPLICAÇÕES PARA A APROXIMAÇÃO ENTRE MUSEUS DE CIÊNCIA E MUSEOLOGIA SOCIAL

Retomando a questão colocada no início deste texto, quais aproximações podemos fazer entre estes diferentes modelos de museus e a museologia social? Segundo o exposto, podemos perceber que a primeira e a segunda geração de museus de ciência se baseiam no modelo de transmissão e behaviorista de comunicação e educação. Podendo ser associados às adjetivações “modernista” (HOOPER-GREENHILL, op. cit.) e “sistemático” (HEIN, op. cit.) e sendo modelos muito comuns no contexto europeu, estes museus objetivam a legitimação da ciência e criam uma separação com o seu público. A terceira geração de museus, que são os “museus de descoberta” (HEIN, op. cit.), por sua vez, apresentam uma considerável diferença em relação às gerações anteriores por passar a focar no público. Entretanto, o objetivo de

legitimação da ciência se mantém (ROCHA, op. cit.), bem como o modelo de transmissão. Além disso, as escolhas narrativas ainda são do curador, o que, segundo Hooper-Greenhill (op. cit., p. 185) é uma questão importante já que “*if curators as members of art or Science communities interpret the museum collections from their own perspectives, they are likely to communicate only within their own interpretative communities*”³.

Considerando que a centralidade e a autonomia da comunidade são pontos centrais da museologia social, é possível dizer que nenhum destes modelos, de primeira, segunda ou terceira geração, modernista, sistemático, de descoberta, se alinham a esta perspectiva museológica, pois, ainda que hajam, conforme apontado acima, diferenças importantes em termos do modo como se pensa a relação museu-público, as escolhas narrativas ainda são do curador. Entretanto, consideramos importante notar que todos estes modelos remontam a momentos históricos anteriores ao advento da museologia social (década de 1970). É justamente na década seguinte a este movimento que Hooper-Greenhill (op. cit.) irá identificar mobilizações no sentido de renovar os modelos comunicativos dos museus, em uma perspectiva construtivista. Segundo Rocha, (op. cit.) esta abordagem cultural-construtivista estará presente nos museus “ordenado” e “construtivista” identificados por Hein. Porém, enquanto no primeiro caso a atuação dos indivíduos é passiva e tida como algo a ser observado, medido e controlado, no museu construtivista a participação é ativa: a partir da experiência, ele produz sentido, constrói conhecimento e tira suas próprias conclusões (ROCHA, op. cit., p. 19). Tanto Hooper-Greenhill quanto Hein indicam que esta perspectiva ainda não foi implementada de forma plena. Segundo Hooper-Greenhill, a abordagem construtivista e cultural está presente no trabalho educativo dos museus, mas em termos de espaço museográfico prevalece o behaviorismo e a transmissão (ROCHA, op. cit.). Hein, por sua vez, aponta que o “museu construtivista” é difícil de encontrar na prática.

A título de conclusão deste trabalho, algumas questões se colocam: existe relação entre o processo de renovação dos modelos comunicativos em museus tradicionais e o advento da museologia social? É possível aproximar o conceito de Hein de “museu construtivista” ao de “ecomuseu”? Apesar dos autores aqui apresentados não trazerem o aporte teórico da museologia social, nos parece pertinente considerar que o mesmo contexto social, de críticas da sociedade aos museus tradicionais, foi o cenário de fundo tanto do

³Em tradução livre, “se os curadores, como membros da comunidade artística ou científica, interpretam as coleções museais segundo suas próprias perspectivas, eles tendem a se comunicar unicamente com suas próprias comunidades interpretativas”.

advento da museologia social quanto da renovação de modelos comunicativos apontada por Hooper-Greenhill.

6. REFERÊNCIAS

DESVALÉES, A. & MAIRESSE, F. (ed.) Conceitos-chave da Museologia. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

HEIN, G. E. *The Constructivist Museum*. In: Journal for Education in Museums. nº 16, 1995. p. 21-23

HOOPER-GREENHILL, E. *Communication and Communities: changing paradigms in museum pedagogy*. In: LINDQVIST, S. (Ed.) *Museum of Modern Science*. Nobel Symposium 112, Stockholm, Sweden, 1999. p. 179-188

KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MCMANUS, P. M. Topics in Museums and Science Education. In: Studies in Science Education, 20:1, 1992. p. 157-182

ROCHA, L. M. G. M. A Matriz Gnosiológica dos Museus de Ciência. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação. GT 9: Museu, Patrimônio e Informação. Rio de Janeiro, 25-28 out. 2010